

OLHARES SUÍÇOS SOBRE PORTUGAL: DE REYNOLD A LOETSCHER

Gonçalo Vilas-Boas¹
Universidade do Porto

RESUMO:

Neste ensaio proponho-me olhar para diferentes construções de Portugal por autores suíços que viajaram a Portugal no século XX. Concentrar-me-ei em dois picos: entre 1926 e 1945 e depois de Abril de 1974. De facto, até cerca de 1930, o interesse de Portugal por parte dos suíços era reduzido. Com a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha, Portugal ganhou para a Suíça um novo papel, por exemplo, como centro das actividades da Cruz Vermelha Internacional e da marinha helvética, sediada em Lisboa, como se lê em reportagens de Annemarie Schwarzenbach. Olhava-se para Portugal como uma espécie de ilha calma, para as belezas do país, para a sua história, apesar do regime em vigor, tão oposto às tradições democráticas suíças. Após 1974 o interesse foi obviamente outro, concentrando-se principalmente no lado social, sobretudo com Hugo Loetscher que, tendo-se deslocado várias vezes a Portugal, pode estabelecer comparações entre as diferentes fases da reconstrução do país.

ABSTRACT:

In this essay I want to look at different constructions of Portugal by Swiss authors in the 20th century. There were two peaks: between 1926 and 1945 and after April 1974. In fact up to 1930 the interest in Portugal was rather short. With the rising of the Nazis in Germany, Portugal gained an important role to Switzerland, for instance within the activities of the International Red Cross and the Swiss merchant navy, as we can read in the articles by Annemarie Schwarzenbach, justifying the increased interest. Portugal was seen as an island of calm, with many natural and historical beauties, even if the regime was quite different to the democratic traditions in Switzerland. After the revolution the interests changed and concentrated more in the social aspects, mainly in the articles by Hugo Loetscher, who was able to detect the evolution since he travelled often to the country.

PALAVRAS-CHAVE:

literatura de viagens,
reportagens,
Suíça-Portugal,
Schwarzenbach,
Loetscher

>>

KEYWORDS:

travel literature, reports,
relations Switzerland-
Portugal,
Schwarzenbach,
Loetscher

1. Introdução

Desde há muitos séculos, Portugal tem sido objecto de relatos de viagens de europeus. No que diz respeito a autores suíços, esse interesse centra-se sobretudo no século XX, principalmente devido à crescente importância da Suíça como parceiro comercial de Portugal. Neste século registam-se dois picos de maior intensidade nas relações luso-helvéticas: entre 1926 e 1945 e após o 25 de Abril de 1974.²

Como na maioria dos textos de viagem, trata-se de construções a partir de olhares por fragmentos de paisagens, de conversas, de encontros, sempre enformados pela 'bagagem' do viajante, que se reflectem no modo como olham, mas também no modo como unem esses fragmentos num texto, sobretudo quando se trata de um livro.

Nesta apresentação vou analisar alguns textos sobre Portugal produzidos por escritores, viajantes, jornalistas e historiadores suíços, de língua alemã e francesa, publicados nos dois períodos referidos.

2. Portugal em olhares suíços no período entre as guerras e até 1945

As relações entre Portugal e a Suíça não são recentes, embora tenham sido geralmente modestas. Em tempos mais remotos estão documentadas visitas ocasionais, algumas das quais ligadas a peregrinações a Santiago de Compostela, e sabe-se que vários suíços fizeram parte da tripulação dos navios portugueses que partiram à descoberta de novos mundos. Homens de finanças, como o banqueiro De Pury (1709-1789), artistas e estudiosos passaram por Portugal, além de vários missionários que foram para as colónias. Os célebres encontros em Coppet, residência de Madame de Staël (1766-1817), perto do lago de Genève, favoreceram o conhecimento recíproco das literaturas portuguesa, alemã e francesa, mas foi somente em 1873 que se estabeleceram os primeiros acordos comerciais.³

Entre 1890 e 1930, Portugal foi raramente objecto de rela-

tos de viagens. Reto Monico refere que, em 1898, aquando do Congresso Mundial da Imprensa em Lisboa, apareceram em jornais suíços alguns artigos sobre o nosso país, normalmente louvando as suas belezas naturais, o clima, a cidade de Lisboa, a hospitalidade do povo, mas criticando os transportes e os comboios demasiado lentos. Mais tarde, Louis Bandelier, em artigo publicado no jornal *La Liberté*, de 6 de Abril de 1912, entusiasmado com as paisagens durienses, vê em Portugal um país maravilhoso, onde há todas as condições para que o povo viva feliz (vd. Monico 2005: 346). Monico vê nas posições deste articulista uma crítica à situação política, nomeadamente a Afonso Costa. Os portugueses são vistos como amistosos e sociáveis, com um temperamento moderado (*ibidem*). Um jornalista do *Neue Zürcher Zeitung*, no artigo "Bilder aus Portugal" [Imagens de Portugal], de 8 de Novembro de 1910, chega mesmo a dizer "Dieses Land hat Stil" [Este país tem estilo] (*idem*: 347). Paul Du Bochet, no artigo "Le Portugal et la guerre. I – l'arrivée", publicado no *Journal de Genève* de 22 de Junho de 1916, escreve: "Les visages expriment tous la même tranquillité bienveillante. [...] la simplicité effacée d'une population de paysans faisant corps avec la terre et dont la vie heureuse et monotone se règle sur le rythme lent des saisons." (*apud idem*: 348) Bochet louva a Lisboa das sete colinas, e tenta compreender a população lusa, com observações ainda hoje pertinentes:

[...] lente et distraite, n'a même plus un regard pour ce grand ciel presque trop doux, pour ce beau fleuve d'un bleu opaque. Ce n'est pas du fatalisme mais une tranquillité étrange, presque angoissante, comme si la vie n'était plus ici qu'une vieille habitude qu'on ne se donne même pas la peine de discuter. [...] Il faut se laisser aller au charme un peu déconcertant de cette ville. Alors, du coup, les contradictions apparentes de l'esprit portugais s'éclairent [...] on comprend mieux ce mélange de fierté et d'apathie, de violence et de tristesse, d'enthousiasme, de réalisme et de poésie, et l'on devine mieux aussi les qualités cachées de ce peuple. (*apud idem*: 349)

>>

O período salazarista foi o que mais impulsionou o interesse helvético por Portugal. Na década de 20 e 30, diversos jornais suíços referiram-se à realidade política portuguesa de modo tendencialmente positivo, aceitando a ditadura como uma solução boa para o país (*vd. idem*: 295-344). Em 1931, Adolf Keller escreve o livro *Herbsfahrt nach Portugal* [Viagem no Outono a Portugal]. Para ele não há país mais belo, nenhum oferece aos seus visitantes lugares tão bonitos, tão pitorescos. Para que o leitor possa fazer uma ideia dos cenários descritos, compara paisagens do norte e centro de Portugal com paisagens suíças, comparações que são aliás muito frequentes em textos de viagens. E a ditadura de Salazar, “desse génio financeiro”, é vista por Keller como uma reação natural da parte mais sã do povo (*vd. idem*: 350).

Henri de Ziegler esteve em Portugal em 1939 e depois em 1943, tendo escrito um relato de viagens extremamente entusiasmante sobre Portugal, este “Jardim da Europa” (Ziegler 1944: 22), as suas terras, as suas paisagens, os seus monumentos. Quanto à política, mantém um tom laudatório, normal para a época, mas apesar disso, bastante moderado, se compararmos com outros que veremos, e estranhando algumas medidas bem anti-clericais (*vd. idem*: 74).⁴ Também compara Portugal e Espanha, com vantagem para os portugueses, o que é recorrente em textos da altura. Não podemos esquecer que a Espanha estava a sair de uma Guerra Civil, que terminara em 1939, e que o regime franquista não era muito apreciado por um grande número de europeus, facto que poderá ter afectado muitas das opiniões sobre o país vizinho. O idílio minhoto, as paisagens das Beiras, a música dos moinhos e o chiar dos carros de bois recolhem as melhores apreciações deste viajante. Passa por Vila Real, Vila do Conde, Porto, Coimbra, cuja Biblioteca da Universidade o fascina, e dedica à capital e arredores dezenas de páginas. O Mosteiro da Batalha, “triomphalement supérieur à tout ce que l’architecture gothique édifie dans ce pays” (*idem*: 87); as “*quintas philosophiques*” (*idem*: 47) e as “*quintas patricien-*

nes" (*idem*: 49) marcam a "aimable simplicité patriarchale" (*idem*: 46). Lisboa é uma "aimable capital" (*idem*: 56), cidade boa para flunar, como dirá anos mais tarde Hugo Loetscher, mas, ao mesmo tempo, um inferno para os apressados. Fala sobre o fado, mas a sua atracção por ele não é tão grande como outros aspectos da cultura portuguesa. Compara a tristeza do fado⁵ e a saudade dos portugueses com o gosto que revelam pelos prazeres da vida, pela comida e pelo vinho, dando através destas comparações uma visão um pouco menos estereotipada do país. Quanto ao Porto, dedica-lhe algumas páginas e aproveita para corrigir a frieza de t'Serstevens⁶ sobre esta cidade, apesar de se declarar admirador dos seus escritos. Sobre a cidade, escreve: "Porto nous comble, et dans le même temps nous inquiète, nous dépayse. Il se donne et se refuse, s'offre et se soustrait à nous, fait des avances, puis s'échappe, intimide alors qu'il séduit." (*idem*: 68s). É preciso tempo para se orientar nesta cidade "d'ordre bizarrement rythmé" (*idem*: 70). Sente a necessidade de 'absorver' algumas das delícias portuguesas, como as Igrejas do Carmo e de S. Francisco. Lisboa aparece-lhe como uma cidade de mais fácil acesso aos estrangeiros. E, tal como em Annemarie Schwarzenbach, vê a paisagem entrecortada por aviões que cruzam os céus (*idem*: 100). Termina o livro com estas palavras: "Le Portugal est terre de discrétion, peuple discret. Quelque chose de fine et de doux parle dans sa lumière, dans son art, dans son âme." (*idem*: 106). O que o entusiasmo é, de facto, o Outro relativamente à sua Suíça natal, naquele tempo conturbado. Projecta, neste Portugal que visita e na sua história, algo que parece estar ausente no seu espaço de origem.

Com a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha, Lisboa tornou-se o grande centro da marinha suíça, servindo os interesses do país e da Cruz Vermelha e sendo a porta de entrada para produtos oriundos dos Estados Unidos, do Canadá e de África. Essa marinha era composta maioritariamente por navios alugados aos jugoslavos, gregos e espanhóis, que percorriam o

>>

Mediterrâneo sob pavilhão helvético, por razões de segurança (cf. Fischer 1960: 322s).⁷ Este novo interesse suíço por Portugal desperta a curiosidade de jornalistas, viajantes e historiadores.

Um dos visitantes suíços mais importantes da década de 30 foi Louis Gonzague de Reynold (1880-1970), um ultraconservador católico, que louva o Portugal de Salazar, país que conhece numa viagem em 1935, publicando, no ano seguinte, o livro *Portugal*, mais um estudo de carácter histórico do que um relato de viagens. Salazar concedeu ao autor uma entrevista que este cita no seu trabalho. Na 1.^a parte escreve sobre a terra e os homens, o carácter do homem português, marcando bem o seu ponto de partida suíço. Na 2.^a parte debruça-se sobre a história, escolhendo dois importantes símbolos do passado, que continuam bem presentes: o Mosteiro da Batalha e Luíz de Camões. Finalmente, na 3.^a parte, apresenta Salazar e O Estado Novo. Segundo De Reynold, o interesse por Portugal desperta sobretudo na década de 20, com a revolução nacional de 1926, que põe termo “à república demo-liberal, maçónica e parlamentar” (Reynold 1936: 19). De acordo com o autor, Salazar deu novo sentido à palavra “portugaliser” e por isso afirma que muitos países se deviam “portugaliser”! Reynold visita diferentes lugares de Portugal, não se limitando a Lisboa, ainda que esta cidade capte a sua especial atenção. O Porto merece-lhe apenas uma escassa dezena de linhas, em que salienta o espírito autónomo e por vezes revolucionário da cidade, que lhe faz lembrar as cidades flamengas dos séculos XIV e XV (cf. *idem*: 88). Como é usual em textos estrangeiros sobre Lisboa, também este autor se deixa impressionar pela luz: “la douce lumière, la mélancolique lumière du Portugal, en cette tiède vèprée d’arrière-automne, m’éclaire le sens de la “saudade”” (*idem*: 69).

Une autre constante de l’histoire portugaise, c’est pour parler suisse, son fédéralisme. [...] Le fédéralisme portugais a pour éléments les libertés municipales, construites elles-mêmes sur les libertés familiales et l’organisation médiévale. [...] Et s’il n’a jamais voulu se laisser centraliser, c’est que sa volonté

d'indépendance, sa volonté négative, s'appuyait sur une forte base: ces vieilles libertés municipales et corporatives que les Portugais ont su âprement défendre, non seulement contre l'étranger, mais contre la noblesse féodale et contre leurs propres rois. (*idem*: 160)⁸

Para Reynold, o presente português explica-se pela sua "mediévité" (*idem*: 193s), pela continuidade dada ao espírito medieval. Para ele, os pequenos países deviam seguir o exemplo português, país que conseguiu travar as ideias nefastas que destruíam a Europa, olhando para o seu passado e ligando-se a ele. Devem olhar para a própria história e construir o país a partir dela, numa linha de continuidade. O estado português é considerado uma ditadura, mas Reynold prefere ver nele um regime autoritário, seguindo uma tradição portuguesa (*idem*: 332). Termina o livro com algumas críticas, não vão os leitores vê-lo como totalmente acrítico! Uma delas é a distância entre o Estado e a Igreja Católica, o que o autor estranha, uma vez que toda a ideologia se baseia no espírito cristão, tal como o fará Ziégler. Não compreende uma das grandes 'fraquezas' de Portugal, uma 'fraqueza física', consequência da falta de higiene (cf. *idem*: 337), mas também de uma característica de raça, nomeadamente a perniciosa mestiçagem, sobretudo no sul do país. Outra característica que o preocupa é o individualismo e a "nonchalance" e "l'habitude enracinée de l'inexactitude" (*idem*: 339) Também o analfabetismo terá que ser combatido. Enfim, "pequenas falhas" num regime a todos os títulos exemplar e modelar, segundo Reynold. Na sua perspectiva, a queda do regime poderia equivaler ao fim de Portugal!

Gonzague de Reynold, nostálgico do mundo aristocrático e reaccionário - mais tarde defenderá um regime autoritário da Suíça durante a guerra - vê em Portugal um país que corresponde, até certo ponto, ao modelo que gostaria de ver implantado no seu país. Trata-se de um livro de um historiador, não de um viajante, parte de uma ideologia pré-definida, ultra-católica e conservadora. As duas primeiras partes do livro preparam a

>>

terceira, a análise positiva da obra de Salazar. Neste ponto, difere da visão de Ziégler, pouco pródigo em comentários políticos, que se mostra mais entusiasmado pelas paisagens e monumentos. Reynold entusiasma-se pelo país político, pelo discurso vigente que se lhe afigura desenvolver-se numa linha de continuidade desde a Idade Média.

Apesar de muitos pontos em comum, este olhar de historiador nem sempre coincide, devido ao seu conservadorismo, com o de outros visitantes suíços que deixaram um testemunho escrito da sua passagem por Portugal entre 1930 e 1942. Referirei apenas dois: Annemarie Schwarzenbach e Hans Hartmann.⁹

Annemarie Schwarzenbach (1908-1942) chega a Lisboa em 1941, vinda, muito fragilizada, dos EUA.¹⁰ Em 1941 e 1942 foram publicados mais de 20 artigos da autora,¹¹ nos quais foca essencialmente as relações luso-suíças, a realidade turística, sobretudo da capital, detendo-se um pouco na situação social e na pobreza do país, embora passe ao lado da situação ditatorial que se vivia em Portugal. Naquele tempo, eram muitos os que viam em Lisboa uma sala de espera (Erika Mann), um paraíso triste (Saint-Exupéry), uma plataforma de embarque, à espera de um avião (os célebres hidroaviões Clipper) ou de um navio que os levasse para a América. Lisboa funcionava como um espaço de espera, um 'não-lugar', com os olhos postos no Tejo, a porta de saída, de fuga desta Europa. Schwarzenbach pouco fala dos exilados nos seus relatos, apesar de os ter fotografado algumas vezes.¹²

A autora escreveu dois tipos de textos sobre Portugal: os de carácter predominantemente jornalístico e os relatos de passeios e deambulações, de carácter mais pessoal. No primeiro grupo, encontramos artigos sobre a Cruz Vermelha, o transporte de mercadorias de Portugal para a Suíça, a bênção dos bacalhoeiros, o intercâmbio de diplomatas em Lisboa, a Mocidade Portuguesa. Um artigo não publicado referia-se a uma exposição do pintor Edmond Bille, que residiu em Albarraque durante a guerra. Esta exposição foi noticiada em alguns jornais

suíços e portugueses. São artigos centrados nos objectos a relatar, inserindo no texto muitas informações, por vezes mesmo através de citações indirectas, que lhe foram fornecidas por fontes oficiais portuguesas. O segundo grupo interessa-me mais, pois veicula as construções da autora a partir das suas vivências em Lisboa e arredores, as impressões pessoais sobre os locais que visita nos passeios, um olhar de curiosidade e de repouso. É óbvio que encontramos nos seus textos muitas das imagens e dos estereótipos que vemos em quase todos os viajantes que permaneciam pouco tempo em Lisboa: o castelo, as ruelas estreitas, referências ao terramoto de 1755 e às consequências para o novo desenho da Baixa, os descobrimentos, a luz. O fado não lhe chamou muita atenção, mas não pode deixar de mencionar a “saude”, essa palavra presente em relatos de tantos viajantes,¹³ nesta “varanda da Europa”, como diz em “Sonniges, herbes Portugal” [Soalheiro e agreste Portugal]. Lisboa é uma cidade adormecida, fora de moda, mas muito pictórica, como nota em “Offener Himmel über Lissabon ...” [Céu aberto sobre Lisboa], reforçando a ideia de que é uma cidade quase esquecida pela história, que está à margem da guerra. Esta calma permite-lhe sonhar com a sua querida Europa, cada vez menos real.

>>

Também em “Wiedersehen mit Portugal” [Portugal revisitado] regozija-se com o reencontro com velhos espaços, desta feita na Primavera: “Para nos reencontrarmos a nós próprios, temos de recordar algo de familiar e íntimo, como se nos víssemos ao espelho.” [Schwarzenbach 2004: 68] Confessa a sua boa impressão da cidade: “De todas as cidades que conheço, nenhuma me acolheu tão bem como Lisboa, da primeira vez que aqui vim”, como escreve em “Rückkehr nach Lissabon” [Regresso a Lisboa]. Face à situação disfórica que viveu na Europa Central e depois, por outros motivos, nos EUA, projecta nesta cidade, que tão bem a recebeu, a paz e a calma de que tanto necessita. Lisboa torna-se, para ela, numa heterotopia durante o pouco tempo que lá viveu.

Como já analisei noutros estudos, Schwarzenbach tem um olhar benevolente em relação ao regime de Salazar, apesar de se declarar convictamente anti-nazi. Esses louvores ao regime devem-se a diferentes factores: o embaixador da Suíça na altura, Henri Martin, é um velho conhecido da autora do tempo em que foi diplomata em Ancara. Ajuda-a arranjando-lhe contactos, como António Ferro, e estimula a sua actividade como jornalista. Alguns pontos de vista expressos por esta autora coincidem mesmo com os apresentados por Reynold, por exemplo na apreciação que faz de Salazar, ainda que se note que Schwarzenbach cita indireta e acriticamente as fontes que lhe são fornecidas, contrariamente ao historiador, que as aprofunda e analisa a partir de um aparato ideológico evidente. Como Schwarzenbach se sente muito bem na capital, isso vai-se reflectir no modo como vê a realidade portuguesa e a posição que toma face a ela. A sua euforia contrasta com a disforia dos exilados. A sua posição não podia ser senão positiva, não deixando, porém, de criticar alguns aspectos da sociedade do país, como a pobreza. Os seus textos mostram um olhar fragmentado, olhando aspectos pontuais, sem preocupação de querer mostrar a realidade como um todo.

Esta atitude da escritora e jornalista zuriquense não se distancia muito do que se publica na Suíça. Com efeito, a ideia generalizada na época era a de que, no interesse político da Suíça, a imprensa não devia tomar posição por nenhuma das partes em conflito na guerra, e fazendo jus à política de neutralidade do país, devia apresentar sempre as posições dos dois lados beligerantes. Assim, a informação proveniente dos dois campos era filtrada, no sentido de uma maior objectividade.¹⁴ Os jornais deviam manter uma posição de equilíbrio, sendo a sua função primordial a de informar. É esta atitude que encontramos em muitos jornais suíços de língua alemã, como o *Neue Zürcher Zeitung* (Zurique) e o *Luzerner Tagesblatt* (Lucerna). Em relação a Portugal, a política destes jornais era essencialmente a de apresentar positivamente este país aliado, pois, apesar de

se tratar de um regime autoritário, defendia valores humanos, os ideais e a cultura europeias e praticava uma política de neutralidade face às forças em conflito. Nesse sentido, os artigos de carácter informativo de Schwarzenbach enquadravam-se nesta visão, sobretudo se pensarmos que a autora e jornalista queria tornar-se correspondente de jornais helvéticos em Lisboa e que alguns temas que tratou foram mesmo sugeridos pela Embaixada.¹⁵

É também esta a concepção transmitida por Hans Walter Hartmann, nos artigos que escreveu sobre Portugal no jornal *Neue Zürcher Zeitung*. O jornalista zuriquense já havia estado em Coimbra em 1926, acompanhara Carmona numa deslocação a África e em 1942 regressou a Lisboa, a convite de António Ferro. Nesta altura, escreve uma série de oito artigos com o título "Portugal zwischen den kriegsführenden Mächten" [Portugal entre as potências beligerantes].¹⁶ Começa por notar que os ecos da guerra mal se ouvem no país, onde nada parece faltar, apesar dos preços elevados. Entrevista Carmona, o Cardeal Cerejeira e o próprio Salazar (numa entrevista que se prolonga por 30 minutos em vez dos cinco que tinham sido acordados), escreve sobre a Propaganda Nacional (num artigo acompanhado por uma fotografia de Ferro), fazendo notar que as diferenças nos jornais nacionais eram reduzidas e que se centravam muito no passado glorioso do país. Escreve ainda sobre as políticas colonial e estrangeira, marcadas pela neutralidade face aos blocos em conflito. Nos dois artigos sobre Salazar, apresenta as linhas mestras ideológicas e a necessidade do regime autoritário para repor a ordem, após o caos que antecedeu a tomada do poder. Salienta ainda as diferenças face aos fascismos alemão e italiano, entre os quais denota apenas um ponto comum, nomeadamente a luta contra o comunismo. Salazar quer salvar Portugal da crise espiritual que grassa na Europa. O jornalista quer mostrar aos suíços um quadro da ditadura portuguesa, e, por isso, toma uma posição claramente política, mais analítica da que a que se encontra nos textos de Schwarzenbach.

>>

Mas não deixa de manifestar uma grande admiração por Salazar e pela sua governação em favor da paz naquele período tão conturbado na Europa Central. Para além desses artigos de carácter claramente jornalístico, Hartmann escreveu outros sobre as suas viagens em Portugal.¹⁷ Assim, dedica um texto ao vinho do Porto ("Portwein", 21.6.1942), devidamente contextualizado com os nomes do Cônsul suíço e de António Pinto Machado, "Direktor des Palacio" [Director do Palácio] e da sua "charmosa filha", que lhes mostram o Porto e os arredores, salientando as conquistas sociais do regime. Só depois entra na matéria que se propôs tratar, descrevendo a história e os tipos do vinho. Noutro artigo, "Coimbra. Die Universitätsstadt Portugals" [Coimbra. A cidade universitária de Portugal] (7.6.1942), recorda a sua visita anterior, na década de 20, não deixando de recapitular as belezas da cidade. Não abdica de louvar Salazar e Cerejeira, pela sua luta pela "moralische Erneuerung" [renovação moral]: "Der junge Mann neben mir weiß das. Die Bewunderung für seine Vorbilder ist nicht erheuchelt, weil er von ihrer makellosen Moral überzeugt ist." [O jovem ao meu lado sabe-o. A admiração pelas suas figuras modelares não é fingimento, porque está convencido da moral sem mácula que detêm]. Escreve um artigo sobre uma temática semelhante à de Schwarzenbach: "Portugal und die Schweiz" [Portugal e a Suíça] (12.8.1942). Refere que Portugal antes de Salazar era praticamente desconhecido no seu país. Quer mostrar a importância do nosso país, não escamoteando que Salazar não é um amigo da democracia: "Er ist sogar ihr ausgesprochener Gegner" [É mesmo um seu declarado opositor]. Hartmann, contrariamente a Reynold, não vê neste regime um modelo para a Suíça, mas compreende-o num país como Portugal, com um grau de educação mais baixo. Refere-se à questão dos transportes terrestres e marítimos, não deixando de citar nomes, o que não se vê nos artigos de Schwarzenbach. Lamenta a ausência de ligações aéreas, o que possibilitaria a ligação aos voos nos hidroaviões Clipper para os Estados Unidos.

So herrscht zwischen Portugal und der Schweiz ein gegenseitiges Geben und Nehmen, und trotz der Gegensätzlichkeit der Regime finden sich noch manche Anknüpfungspunkte, die bloß der Erweckung harren oder aus denen sich wertvolle Beziehungen entwickeln ließen. (Hartmann 1942: 1)

[Assim vigora entre Portugal e a Suíça um dar e receber recíproco, e apesar dos regimes de carácter oposto, encontram-se ainda alguns pontos de contacto, que apenas precisam de ser revigorados ou a partir dos quais se poderiam desenvolver relações valiosas].

Em síntese, há uma certa continuidade no modo como Portugal foi visto por estes autores e jornalistas de diferentes jornais da Suíça alemânica no período até ao final da 2ª Guerra Mundial, nomeadamente na atitude que revelam face a um regime que, embora visto como autoritário, oposto à democracia helvética, não deixa de ser um regime dominado pelos valores humanistas europeus. Com o final da guerra o interesse por Portugal diminui, tal como diminui o interesse estratégico suíço por Portugal. A imprensa suíça torna-se crítica do regime, sobretudo por causa da guerra colonial, após a grande chamada de atenção que foi o assalto ao navio *Santa Maria*, em 22 de Janeiro de 1961. O país passa a ser um objeto interessante sob o ponto de vista turístico e económico, uma vez que partilha com Portugal do espaço da EFTA.

>>

3. O Portugal do 25 de Abril em textos de Loetscher

Poucos autores suíços se interessaram por Portugal como cenário para as suas obras literárias.¹⁸ Concentrar-me-ei no mais importante, Hugo Loetscher (1929-2009),¹⁹ autor quer de obras ficcionais quer de textos jornalísticos e relatos de viagens. Interessou-se desde cedo pelo mundo de fala portuguesa, tendo visitado Portugal, o Brasil e também os territórios asiáticos, onde a presença portuguesa estava representada, como a Índia e Macau. Mas, como veremos, é o oposto de Reynold ou de Hartmann na análise que faz do país. Os contextos históricos

são muito diferentes e a política de Salazar - sobretudo relativamente a África - já não é bem aceite pela imprensa.

Em 1964, Loetscher visita Portugal com uma equipa de televisão suíça. Para acompanhar uma reportagem filmica, o autor escreve uma elegia, *Ach Herr Salazar. Eine politische Elegie*, muito crítica relativamente à política portuguesa. O filme acabou por não ser mostrado na televisão suíça, sendo suspenso horas antes da emissão, aparentemente por intervenção do Embaixador português em Berna; não há certezas em relação a este episódio, como também não se encontrou qualquer cópia do filme nos arquivos. Em *Ach Herr Salazar*, o autor começa com louvores às belezas e monumentos de Portugal, desviando-se a pouco e pouco para as outras realidades, como o assassinato de Humberto Delgado, as eleições, o analfabetismo, a pobreza, a guerra colonial, a polícia política:

Die Namen sind so viele,/ so viele es Sehenswürdigkeiten gibt./ Ein Land,/ um hinzufahren,/ mit den Burgen und Schlössern,/ den Klöstern und Kirchen,/ ein Land voll von Sehenswürdigkeiten./ Dies aber,/ Herr Salazar,/ ist ihre Sehenswürdigkeit./ Die Festung von Caxias, /siebzehntes Jahrhundert/ mit politischen Gefangenen des zwanzigsten. (Loetscher 1984a: 32)

[Os nomes são tantos quantos os monumentos que existem. Um país para se visitar, com os seus castelos e palácios, os seus mosteiros e igrejas, um país cheio de monumentos. Mas este, Senhor Salazar, é o seu monumento. O forte de Caxias, século dezassete, com presos políticos do século vinte.]

Depois de falar de grandiosos monumentos como o Mosteiro dos Jerónimos e o Palácio de Queluz, na linha da apresentação tradicional do país na Suíça, introduz um 'mas', desviando, através de um forte contraste, as atenções para o presente, para o Forte de Caxias. Como escreve Dewulf: "Uma conjunção ou uma frase que é acrescentada dá um novo sentido ao que é dito anteriormente." (Dewulf 1999: 43) Como consequência das suas posições críticas, Loetscher foi proibido de voltar a Portugal.

O segundo texto de Loetscher em que Portugal está representado é o prefácio à tradução do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira, publicada em 1966. Louva o comprometimento de António Vieira, que obviamente lhe trouxe problemas com a Inquisição. É este comprometimento com os outros e com o mundo que Loetscher emprestará a muitas figuras do seu mundo ficcional. O interesse por Vieira reside na sua universalidade: "Der Sprache nach Portugiesisch, gehört er mit seinem Werk der Welt" (Loetscher 1988: 9) [Era português pela língua, mas pertence ao mundo, pela sua obra."]. Como escreve Dewulf, o interesse de Loetscher por Vieira prende-se com a conceção de literatura do autor suíço, com o modo como ela se relaciona com o seu próprio tempo. Assim pode ver-se em Vieira um exemplo de literatura engajada (cf. Dewulf 1999: 68).

>>

Um dos romances principais de Loetscher tem como título *Der Immune* [O Imune]. Trata-se do percurso da personagem principal por muitos palcos da história europeia, inclusive o Maio de 1968, em Paris, à procura de outros mundos, numa fuga infrutífera. É o caminho de alguém que se quer manter imune, um observador não comprometido, sempre à margem, mas que acaba sempre por se comprometer pelo olhar. Quatro capítulos referem-se a Portugal, também ele um país à margem. A viagem da figura é anterior a 1974. A deambulação lusitana começa no capítulo "Am Rande Europas" [Na orla da Europa] (Loetscher 1985: 133-136). O Imune está no Cabo de São Vicente, no ponto onde acaba a Europa, onde o Infante D. Henrique tinha a sua escola náutica.²⁰ Um final geográfico que aponta em várias direcções: o fim da Europa, o fim de uma civilização, mas também uma eventual abertura, "um espaço-fronteira por excelência: fronteira terra/mar e fronteira Europa/outros continentes [...] mas também entre o mundo familiar e o mundo desconhecido" (Serrano 1998: 68 e 72). Essa fronteira está também ligada a um outro tema que percorre o romance: a ideia da morte.²¹

Voltamos a encontrar o Imune no capítulo “Der gebrochene Blick” [O olhar quebrado]. A figura contempla Lisboa a partir do Castelo de São Jorge; à primeira vista é um olhar estereotipado. O lado idílico, tão louvado em tantos textos, é perturbado pela informação de um jovem passante, um “Fremder” [desconhecido], que diz ao narrador que ali, apontando para um edifício que se avistava do castelo, era a prisão da polícia secreta. O idílio passa a ser visto como se fosse através de grades. “Er öffnete die Augen wieder. Da war ihr Blick mehrfach gebrochen. Lissabon lag hinter Gittern.” (Loetscher 1985: 247) [Voltou a abrir os olhos. O seu olhar quebrava-se repetidas vezes. Lisboa estava atrás de grades.] Bastou uma observação para modificar completamente a visão do protagonista sobre a realidade portuguesa, para a quebrar definitivamente, porque a verdade persegue-nos, mesmo quando tentamos fugir dela, como acontece com o Imune. É uma estratégia semelhante à já utilizada em “Ach Herr Salazar”: um pequeno sinal ou um pequeno gesto basta para modificar radicalmente o modo de ver.

O capítulo “Der Abschluß” [O abate] (*idem*: 367-382) começa de modo estranho: “Der Immune wurde abgeschossen, ohne daß ein Schuß fiel.” (*idem*: 367) [O Imune foi abatido, sem que tivesse havido um tiro]. Corresponderá ao que Loetscher escreve no Prefácio ao Sermão de António Vieira: “Man tötet einen Mann des Wortes, indem man ihn mundtot macht.” [Mata-se um homem de palavra, quando se lhe impõe o silêncio] (Loetscher 1988: 28). Trata-se de uma ficcionalização do episódio subjacente ao texto *Ach Herr Salazar*. Como o livro saiu em 1975, depois do fim do regime salazarista, Loetscher quis apresentar esse episódio a uma nova luz, referindo-se ao facto de ser possível silenciar pessoas por qualquer motivo, através da censura, sem recorrer a assassínios.

Por fim, o romance refere-se a Fernando Pessoa, no capítulo “Ein Robot-Bild des Dichters” [Um retrato-robot do poeta]. A polícia procura um poeta que causa muitas dificuldades por usar heterónimos, isto é, por ser várias pessoas ao mesmo tempo,

tornando difícil qualquer retrato-robot, como é usual fazer-se quando se procuram criminosos: "Es ist jedenfalls kein Geheimnis, daß sich der Dichter allein in Portugal mit vier verschiedenen Namen in die Liste eintrug und bei einer Routinekontrolle erklärte: er reise nicht, er entwickle sich." [Aliás não é segredo que só em Portugal o poeta se tenha inscrito na lista com quatro nomes diferentes e num controle de rotina tenha declarado que não viajava, que se desenvolvia] (*idem*: 438).

Por vezes, Loetscher gosta de utilizar figuras do passado para falar do presente. Na sequência do romance de que acabei de falar, o autor escreveu *Die Papiere des Immunen* [Os papéis do Imune], onde se apresentam os papéis do desaparecido. No extenso romance, só um capítulo tem a ver com Portugal, desta feita na era dos Descobrimentos. Um suíço quer embarcar na caravela Santa Maria. É numa conversa com o judeu espanhol Gonzalez que Loetscher fala dum conceito bem português, a saudade. Esta encontra correspondência na expressão "une maladie suisse", que descreve a atitude dos mercenários suíços, que ficavam melancólicos quando ao cantar canções da sua pátria, que lhes recordavam as suas aldeias natais, ficando, assim, diminuídos nas qualidades bélicas, pelo que as autoridades os proibiram de cantar antes das batalhas. Desse modo, o conceito de *saudade* ganha uma universalidade, que ultrapassa a tradicional concepção nacionalista. Acaba por ser aceite que o suíço embarque, sendo visto como um "Süßwasser-Portugiese" [português de água doce] (Loetscher 1986: 216).

Nas suas ficções, Loetscher voltará ainda mais duas vezes a temas históricos portugueses. Na peça *Die getötete Liebe. Inês und Pedro* (2001), estreada no Mosteiro de Tibães, em Braga, apresenta um tema que tem sido recorrente na literatura europeia: os amores impossíveis de Pedro e Inês. O texto não acrescenta nada ao que o espectador português já conhece, mas o enfoque é diferente do habitual. E é uma interessante apresentação para um público de expressão alemã. Contudo, é de notar, já no título, uma pequena mudança. Trata-se dos amores de

'Inês e Pedro' e não, como usualmente dizemos, de 'Pedro e Inês', o que aponta para uma posição central de Inês. Assim, é dado relevo à questão do amor e não tanto à questão político-histórica. Os contextos quotidianos são inventados em prol da temática amorosa. Aliás, a peça está construída à volta da entronização da rainha morta, e não, como na maioria dos textos, à volta do assassinio de Inês. A entronização é preparada por três cenas de menor dimensão, que giram todas à volta de relações amorosas, de acordo com o tema principal: numa taberna, num barco, na casa do bispo. A mãe de Inês, figura original nesta peça, acusa o próprio Pedro de ter insistido de modo obsessivo num amor impossível, tornando-se, assim, também culpado. Mas, finalmente, apesar da tragédia, o amor sai vencedor nesta peça, num texto interessado em falar do Portugal dos anos 60 e inícios de 70 do século XX.²²

O último texto ficcional de Loetscher com temática portuguesa é a pequena história "Die lederne Gesinnung" [A doutrina de couro] (em *Der Buckel* [O corcunda], Zürich, Diogenes 2002: 52-57). A história passa-se no século XV, tendo como personagem principal um 'sapateirinho' do Ribatejo, que defende a teoria de que os homens não são homens, como refere a tradição cristã, mas um produto da caótica vida a bordo da Arca de Noé. Não sendo homens propriamente ditos, a moral vigente, baseada nos preceitos cristãos, não se deve aplicar, o que levou a um descalabro sobretudo nas relações sexuais. Claro que o 'sapateirinho' foi preso e torturado até à morte. O conto aponta não para um tratamento histórico, mas, como é usual neste autor, para o aproveitamento de um tema do passado para falar da contemporaneidade. Aqui as religiões e a moral são vistas como questões do foro essencialmente cultural, como discursos do poder.

Interessa-me finalmente olhar para os relatos de viagem escritos por Loetscher, um observador competente, que, sendo um olhar suíço, do exterior, tem um tom universalizante, transmitindo a sua visão aos leitores de fala alemã. Como veremos a seguir, são olhares marcados não pela arrogância de

alguém que vem de um país rico e olha para um país menos desenvolvido, mas com abertura para alterar os pontos de vista próprios à medida que a viagem avança, corrigindo, sempre que necessário, a imagem que traz consigo na sua bagagem cultural, numa posição de grande abertura face a esta realidade outra, com a qual quer dialogar, embora de forma crítica.

Loetscher escreveu perto de 40 artigos sobre Portugal. Versam temáticas portuguesas, mas também falam sobre os territórios asiáticos e africanos com ligações a Portugal, como Goa, Malásia e Indonésia.²³ Há, como não pode deixar de ser, uma cesura em 1974. Não lhe interessa muito o Portugal geográfico, turístico, como é prática em muitos jornais nas suas páginas sobre viagens. Este viajante interessa-se sobretudo pela paisagem social. O autor quer compreender “a alma portuguesa”, como indica o título do artigo “Radiographie der portugiesischen Seele” [Radiografia da alma portuguesa]. Trata-se de uma radiografia a partir de textos de autores portugueses, uma vez que, defende Loetscher, a “alma” de um país se manifesta na sua literatura. E cita Antero de Quental, para quem a derrocada portuguesa começa com os descobrimentos, pois aí começa a intolerância, provocada pelo poder crescente da Igreja católica.²⁴ O escritor dá conta de como Salazar defendia que Portugal era o último garante do Ocidente face aos valores comunistas, ideia que, como vimos, esteve presente nos textos entre as duas guerras que apresentei anteriormente.

Em Dezembro de 1979, Loetscher passeia-se por Lisboa e pelo Chiado e escreve dois artigos: “Flanieren in Lissabon” [Flanar em Lisboa] I e II. Não há monumentos relevantes nessa parte da cidade, mas o cenário do movimento das ruas, os cafés, as lojas, é comparado com o que outras grandes cidades europeias têm para oferecer. Paralelamente, é apresentado um outro aspeto da cidade, mais decadente: “Wenn hier die Fassaden blättern, fällt der Verputz anders herunter als anderswo in den Strassen Lissabons. Hier hat das Heruntergekommene etwas von den schicken Löchern, deren sich ein Kaschmir-Pullover nicht

>>

schämt.” [Aqui, quando as fachadas se esboroam, o reboco não cai da mesma forma que em outros lugares nas ruas de Lisboa. Aqui a decadência tem algo dos buracos chiques que não envergonham um *pullover* de caxemira]. O seu olhar não foge muitas vezes ao estereótipo, ao chamado “típico”: os velhos elétricos e elevadores, as ruelas dos bairros. Os estereótipos representam muitas vezes o ‘diferente’ em relação ao observador, por isso não podem deixar de fazer parte de relatos de viagem para jornais, tendo em conta os potenciais leitores. O olhar atento de Loetscher fá-lo notar que os discos ligados à revolução dos cravos já não se vêem nas primeiras filas das montras, agora ocupadas por Travolta e outros cantores famosos. Percorre as ruas laterais da zona do Chiado e vai ter ao Café da Brasileira, palco de muitos encontros de intelectuais ao longo dos tempos. No segundo artigo fala dos museus lisboetas, à míngua financeira. Curiosamente fala mais do átrio do Museu de Arte Antiga, com a maravilhosa vista sobre o Tejo e os navios transatlânticos, do que das peças expostas. Face ao Museu dos Combatentes, o viajante-‘flâneur’, como ele se intitula, chega à conclusão de que o país procura novas legendas para imagens antigas.

Em Agosto de 1983, o nosso autor faz uma viagem pelo interior e norte do país: “Das andere, das agrarische Portugal” [O outro, o Portugal agrário]. Apercebe-se das diferenças da agricultura nas várias partes do país, sobretudo no interior, muito abandonado durante séculos. Visita a região vinícola duricense, e aproveita para apresentar aos leitores lugares historicamente relevantes, como Bragança. O transmontano é caracterizado como alguém tão rígido e teimoso (“starr” e “stur”), que, por isso mesmo, mantém vivos costumes e características que já desapareceram noutros lugares, referindo, como exemplo, Rio de Onor e a sua “demokratisch-genossenschaftliche Struktur” [estrutura democrático-cooperativa].

Em 1987 volta a Lisboa, levando desta feita o leitor à zona de Belém, ao Museu dos Azulejos, ao Mosteiro dos Jerónimos, à Torre de Belém, que liga à história portuguesa, e também ao

Monumento aos Descobrimentos, que Loetscher vê como um dos poucos monumentos de arte fascista em Portugal. Em 1994, encontra-se numa viagem de “re-conhecimento” (“Europäische Adresse: Lissabon”: 37) [Morada europeia: Lisboa]. Ao contrário do que sucede nos textos referidos anteriormente, publicados no jornal *Neue Zürcher Zeitung*, neste artigo o autor usa predominantemente a primeira pessoa do singular, dando ao texto marcas mais subjectivas. O entusiasmo e as críticas têm uma origem evidente, o eu-viajante. A perspectiva de entrada na cidade é diferente: chega-se do norte, por uma zona feia, como em geral todas as entradas viárias nas grandes cidades, passando-se por indecorosos blocos de casas e bairros de lata. O viajante textual constata a evolução de Portugal desde a sua primeira visita, nos anos 60: os monumentos mantêm-se, a vida modifica-se e é bom poder revistar os lugares. Compara a Lisboa ‘salazarista’ e a Lisboa revolucionária, com as paredes cheias de cartazes (“Ein Politbarock der Slogans und Sprüche” [um barroco político de slogans e palavras de ordem]) com a Lisboa de 1994, ano em que foi capital europeia da cultura. A cidade mantém-se como lugar ideal para “flanar”, com traços diferenciadores face à sua Zurique natal:

>>

Riskante Kurven ratternder Strassenbahnen und Steilstrassen. Treppen mit Verschnaufplätzen. Torbogen und Brunnen. Unerwartete Nischen und überraschende Gärtchen. Nach der geometrischen angelegten Unterstadt ein enges und verwinkeltes Lissabon. Und immer wieder Aussichtsterrassen, oft nicht grösser als schmale Balkone.

[Curvas arriscadas de eléctricos ruidosos e ruas íngremes. Escadas com patamares repousantes. Arcos e fontanários. Nichos inesperados e jardinzinhos surpreendentes. Depois da Baixa geometricamente concebida, uma Lisboa estreita e cheia de recantos. E de novo e sempre os miradouros, muitas vezes não maiores do que varandas estreitas]. (*idem*: 37)

De novo o Chiado e Fernando Pessoa, “der Meister des Alleinseins und der Kenner der inneren Unruhe” [o mestre da solidão e o conhecedor do desassossego interior] (*idem*: 38).

Pelo contrário, a Lisboa da era pós-moderna, como as Amoreiras, não entusiasma Loetscher. Não deixa de notar que o pós-modernismo português é uma necessidade de recuperar rapidamente o atraso a que o país se viu obrigado, mas que este estilo representa algo mais: “[Der Postmodernismus] entspricht portugiesischem Stilempfinden. Dieses war stets kreativer im Ausschmücken als im Erfinden von Grundkonzeptionen” [[O pós-modernismo] corresponde ao gosto português. Este foi sempre muito mais criativo na decoração do que na criação de concepções originais] (*ibidem*). Cita Saramago: “Mein Lissabon gibt es nicht mehr” [A minha Lisboa já não existe] (*idem*: 40), mas corrige-o, afirmando que o próprio facto de algo já não existir quer dizer que evoluiu, que a cidade é um organismo vivo, que não se pode ficar preso às imagens do passado.

Em 1998, aquando da Exposição Mundial, Loetscher volta a um dos seus primeiros temas lusitanos, a presença portuguesa na Ásia, agora numa perspectiva histórica pós-colonial. Esse passado continua presente, situando-se Portugal entre as reminiscências do passado e uma nova atualidade, perspetiva esta, aliás, frequente neste autor. Nesse mesmo ano, Loetscher desloca-se aos Açores para escrever uma longa reportagem sobre o arquipélago. Trata-se de um artigo essencialmente informativo, com dados históricos, económicos, turísticos. Refere as consequências, perversas para a economia local, da proibição da caça à baleia, e a perda da posição geográfica estratégica nas ligações aéreas entre a Europa e a América do Norte que o arquipélago deteve até 1945.

Von Insel zu Insel auf die Insel gehen: von der blauen Insel (Faial) über die weisse Insel (Graciosa) zur grünen Insel (São Miguel), oder von der bergigen (Pico) zur lieblichen (Graciosa). [Passar de ilha em ilha até à ilha: da ilha azul (Faial), pela ilha branca (Graciosa) até à ilha verde (São Miguel), ou da montanhosa (Pico) à aprazível (Graciosa)]. (“Die Azoren oder Auf verschiedene Art Insel zu sein” [Os Açores ou ser ilha de forma diferente]: 90)

E este escritor não pode deixar de veicular referências intertextuais: desta feita aos contextos açorianos das obras de Almeida Garrett e Vitorino Nemésio.

5. Uma síntese final

Como tivemos ocasião de constatar, a posição de Loetscher difere da dos outros olhares suíços aqui apresentados, pelo próprio papel que o autor atribui à escrita, quer ficcional quer jornalística, que, em sua opinião, deve tomar uma posição engajada.

Porém, há muitos pontos em que os olhares dos viajantes-textuais coincidem: no valor da história portuguesa, na representação de determinados espaços, nos estereótipos que utilizam, manifestando estes uma certa estabilidade ao longo dos anos aqui visitados. Um aspecto comum nestes textos é centrarem-se sobretudo em Lisboa e no Sul, e o de manterem uma forte ligação à história portuguesa, destacando-se a época dos Descobrimentos. O fado e a saudade são tópicos frequentes, assim como referências a Camões e a Fernando Pessoa. Lisboa é vista como labiríntica, com todas as suas ruelas, e como tendo uma luz deslumbrante.²⁵ Mesmo o lado decadente da cidade, frequentemente referido, contribui para o fascínio. Sente-se uma grande abertura e entusiasmo face ao país, apesar das críticas que são feitas. Do ponto de vista social e político, cada escritor vê Lisboa do seu próprio modo: de Reynold não pode ter uma atitude semelhante à de Loetscher, dadas as diferenças ideológicas que os caracteriza à partida. De Reynold tem uma atitude extremamente conservadora, Loetscher vê Portugal de uma posição anti-fascista e democrata. Schwarzenbach e Hartmann, de modos diferentes, integram-se na política dos jornais suíços da época e apresentam o regime demonstrando admiração pela sua actualidade. De resto, limitaram-se a mostrar aspetos do país que diferiam dos do seu, destacando as belezas naturais e os monumentos, a lembrar a outrora gloriosa história lusa, tendo, para além da capital, o Mosteiro da Batalha e Coimbra chamado a atenção dos viajantes-repórteres.

>>

Schwarzenbach deambula pela capital e arredores, Hartmann surge essencialmente como um jornalista, centrando-se na actualidade política de então.

Como pudemos confirmar, até 1961 a imprensa suíça é bastante favorável a Portugal, mesmo ao regime político, apenas alterando, a sua posição, como vimos, aquando do assalto ao navio *Santa Maria*, que chama a atenção dos *media* helvéticos para a guerra colonial (cf. Monico 2005: 350).

Em suma, através da visão de vários autores suíços, jornalistas, escritores e viajantes, pudemos confirmar que não há viajantes sem contextos e estes marcam-nos em todas as deslocções. Os afectos assumem também uma importância crucial na construção que os viajantes fazem daquilo que percebem, influenciando o modo e a atitude da observação. O viajante leva consigo estereótipos, imagens que ele confirma, corrige ou recusa no contacto, sempre “comparativo”, entre o seu mundo e a realidade do Outro. O resultado é um constructo intercultural, mais ou menos marcado segundo as características do viajante real e do seu representante no texto. Não podendo haver semelhanças entre o visto e o descrito discursivamente, resta-nos ver como, de facto, pode haver semelhanças, aproximações, no modo como diferentes viajantes traduzem o que vêem e como, em alguns casos, fazem acompanhar as suas “traduções” por fotografias, nem sempre tiradas por si, mas que são, elas próprias, já interpretações dessas realidades.²⁶ Desse modo, o receptor vê-se confrontado com diferentes perspectivas, apesar das muitas semelhanças, que dependem, entre outras coisas, dos discursos que (en)formam o viajante e condicionam o seu olhar. Cada olhar é autêntico nele próprio, não copia o original, nem mesmo a fotografia o pode fazer: mas há uma relação complexa entre o discurso e o objecto. Estes escritores suíços viram a mesma realidade, ainda que em épocas diversas, e cada um traduziu-a no seu discurso. É nesta diversidade que nós receptores portugueses vemos não o olhar, mas os olhares sobre o nosso mundo. <<

NOTAS

[1] Esta comunicação insere-se no âmbito do projecto Interidentidades, do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade de Investigação & Desenvolvimento, sediada na Faculdade de Letras do Porto e financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).

[2] Reto Monico, de Genebra, publicou dois artigos relacionados com esta temática: "Olhares suíços sobre o Portugal de Salazar. 1. Da chegada ao ministério das Finanças ao atentado (1928-1937)", in: Otilia Martins (org.), *Portugal e o Outro: Influências, Olhares e Mediação*, Aveiro: Edição da Universidade, 2008: 35-70. E "Olhares Suíços sobre o Portugal de Salazar. 2. As guerras (1936-1945)", in: *Arquipélago. História*, 2ª série, XIV-XV (2010-2011): 143-174. Nestes artigos o historiador aborda alguns dos autores também por mim abordados, numa perspectiva essencialmente histórica.

[3] Béat de Fischer, Embaixador da Suíça em Portugal na década de 50, escreveu um extenso livro sobre as relações luso-suíças. Aí refere, entre outras relações comerciais anteriores ao século XIX, o comércio livreiro no século XVII.

[4] Ziégler incorre, por vezes, a alguns erros factuais, como, por exemplo, ao afirmar que Salazar é minhoto e que partilha algumas das suas qualidades com os habitantes desta região! (Ziégler 1944: 76)

[5] Sobre o fado escreve, inserindo-o numa temática mais universal: "L'amour et la morte ne faisaient presque tout le motif. Et c'était, avec des images d'une hardiesse parfois saugrenue et parfois ingénue et forte, ce que se consolent à répéter depuis tant de siècles la sagesse navrée et la peine de vivre, dans tous les pays." (Ziégler 1944: 44)

[6] Ver o artigo de José Domingues de Almeida neste volume.

[7] Nos anos de 1941 e 1942 a Suíça aumentou muito o volume das importações portuguesas: em 1939 o volume foi de cerca de 8 milhões de francos suíços, em 1941 foi de 128 milhões e em 1942 de 141 milhões. A partir de 1947 o valor oscila entre os 15 e os 26 milhões. Entre os produtos importados estão o café, o algodão, a lã, o couro, os vinhos, o zinco, o cobre, o volfrâmio (cf. Fischer: 312s).

[8] Fischer inclui também extractos de, entre outros, *Lusitanie* (1944) de Henri de Ziégler e dois textos sobre Camões: um de Conrad Ferdinand Meyer (1825-1898) e outro de Jakob Burckhardt (1818-1897) e refere o livro de Adolf Keller *Herbstfahrt nach Portugal* [Viagem no Outono a Portugal] (1930), entre outros que publicaram sobre Portugal. Camões foi objecto de textos de diferentes autores de língua alemã, como Reinhold Schneider, Günter Eich, ou, no século XIX, Gottfried Keller.

[9] Não analiso aqui o texto de Jakob Schaffner (1875-1944) *Volk zu Schiff* (1936), uma vez que inserido no mundo alemão do nacional-socialismo, veicula mais um olhar alemão construído a partir daquele ideário, do que um olhar suíço. Sobre este texto, veja-se o contributo de Mário Matos "Os 'cruzeiros atlânticos' da organização nacional-socialista *Kraft durch Freude* (1935-1939)", no volume *Portugal – Alemanha: Memórias e Imaginários. Segundo Volume: Séculos XIX e XX*, editado por Maria Manuela Gouveia Delille, Minerva Coimbra/CIEG, 2010: 255-283.

Rogério Paulo Madeira refere vários escritores que passaram por Portugal na era salazarista e que, de um ou outro modo, deixaram um testemunho escrito dessa

>>

passagem: Reinhold Schneider, autor de um importante livro sobre Portugal, de 1931 e reeditado em 1985, ele próprio um admirador de Salazar, mas sobretudo da história portuguesa, Friedrich Sieburg, Alfred Döblin. Depois de 1974 devem-se salientar Alfred Andersch (alemão de cidadania suíça) e Hans Werner Enzensberger (Madeira 2002: 34-47). A respeito de olhares de escritores alemães a Portugal, ver os artigos de Orlando Grossegesse "'Kleine Bilder' – Pequenas imagens. Um 'olhar alemão' sobre Portugal?" e de Helmut Siepmann "Lisboa – lugar de sonho e de encontro", no volume *Portugal – Alemanha: Memórias e Imaginários. Segundo Volume: Séculos XIX e XX*, editado por Maria Manuela Gouveia Delille, Minerva Coimbra/CIEG, 2010, respetivamente pp. 231-254 e 301-314.

[10] Sobre o período português desta autora veja-se o meu estudo de 2004 e os artigos de Lurdes Godinho em Vilas-Boas (ed.) (2010), de Sónia Serrano e de Emília Tavares em Emília Tavares/Sónia Serrano (2010).

162>163

[11] Recentemente esteve patente uma exposição no Museu Colecção Berardo, em Lisboa, sobre Annemarie Schwarzenbach, comissariada por Emília Tavares e Sónia Serrano. Deu-se relevo à produção fotográfica da autora em Lisboa, ainda que quase limitada à actividade portuária e à marinha suíça, com algumas outras fotografias sobre a cidade e os exilados (vd. Emília Tavares/Sónia Serrano 2010).

[12] Vd. Tavares/Serrano 2010: 171, 173, 177. Erika Mann, amiga de Schwarzenbach, esteve em Lisboa e no seu relato pouco mais refere do que a vida dos exilados na capital portuguesa (vd. "In Lissabon gestrandet" [Encalhados em Lisboa] (1940), in Erika Mann, *Ausgerechnet Ich. Ein Lesebuch*, ed. Barbara Hoffmeister, Reinbek bei Hamburg, 2005: 158-174).

[13] Madeira cita Dieter Offenhäuser, em que este "identifica a *saudade* como o principal denominador comum não apenas das obras literárias, mas também da imprensa escrita e da literatura turística alemã." (Madeira 2002: 47).

[14] Vd. eg. "Die schweizerische Presse in der Kriegszeit", *Neue Zürcher Zeitung*, 17.1.1941.

[15] Alguns destes temas foram sugeridos pela Embaixada, como escreve, por exemplo, numa carta de Abril de 1942, dirigida à amiga Marie-Louise Bodmer, referindo-se em particular aos artigos sobre a Mocidade Portuguesa.

[16] Os títulos dos artigos da série são: "Erste Eindrücke" [Primeiras impressões] (28.5.1942), "Audienz bei General Carmona" [Audiência com o General Carmona] (4.6.1942), "Nationale Propaganda" [Propaganda Nacional] (11.6.1942), "Der Kardinal-Patriarch" [O Cardeal Patriarca] (18.6.1942), "Die auswärtige Politik" [A política estrangeira] (28.6.1942), "Die Kolonialpolitik" [A política colonial] (5.7.1942), "Salazar I" (26.7.1942), "Salazar II" (30.7.1942).

[17] Em 1944 publica um artigo sobre o Marquês de Pombal, personagem que o fascina e em 1949 o artigo "Les relations entre le Portugal et la Suisse à travers les siècles", nos *Anais da Academia Portuguesa de História* (2ª série, v.2).

[18] Poderei referir o romance *Nachtzug nach Lissabon* (2004) [Comboio Nocturno para Lisboa (2008)], de Pascal Mercier (1944-). Maria Teresa Oliveira estudou este romance no artigo "Raumgestaltung und ihre Bedeutungen in Pascal Merciers *Nachtzug nach Lissabon*", in Dariusz Komorowski (Hg.), *Jenseits von Frisch und*

Dürrenmatt, Würzburg, Königshausen & Neumann, 2004: 63-72.

[19] Loetscher esteve várias vezes na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde proferiu, em 1999, três aulas de poética, que foram posteriormente publicadas: "Über Situations-Fabeln" [Sobre fábulas situacionais], "In anderer Sprache" [Noutra língua] e "Eine poetologische Paraphrase" [Uma paráfrase poetológica] (Loetscher 1999: 189-264).

[20] Loetscher já escrevera sobre Dom Henrique em 1973 numa entrada para a enciclopédia *Die großen der Weltgeschichte* (Kindler, Zurique: 209-227).

[21] Este capítulo não deixa de ter pontos em comum com o do romance *Rab* de Dieter Bachmann, pela importância do tema da morte, e pelo modo como a paisagem junto ao Cabo de S. Vicente é caracterizada. Este romance inicia-se precisamente naquele cabo, marcado, na visão do protagonista, pela solidão, pela presença de ideias sobre a morte e a doença. O protagonista Rab pouco se interessa pela política, já o Imune será levado a tê-la em consideração, ainda que tente evitá-la. A justificação para esta diferença pode residir, além das estratégias narrativas diferenciadas, nos tempos de escrita. Enquanto Loetscher conhece bem e se interessa pelo passado português, no tempo de Bachmann a democracia portuguesa já estava normalizada, "europeizada" e, como tal, de menor interesse para construções ficcionais de autores helvéticos.

>>

[22] Maria Manuela Delille escreve a respeito desta peça: "[A] primeira impressão é ter existido um intuito de crítica sociopolítica, cuja época referencial, não obstante as roupagens medievais, ostenta traços do Portugal dos anos 60 e inícios de 70." Daí a importância relativa do rigor histórico. "O texto é, antes de mais, um texto sobre o amor, sobre a impossibilidade do amor, apresentando não uma única e grande história, mas uma pluralidade de histórias, ou seja, conferindo um tratamento multiperspetívico à temática amor/morte." (Delille 2004: 190)

[23] Em 1983 publica na revista *Schweizer Monatshefte* o artigo "Portugal und die 'portugiesische Welt' – Geschichte und Aktualität" [Portugal e o mundo português – história e actualidade], onde procura a presença portuguesa em territórios que já não pertencem ao país.

[24] Antero defende em *Causas da decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos* que a Reforma trouxe evidentes vantagens: "As nações mais inteligentes, mais moralizadas, mais pacíficas e mais industriais são exactamente aquelas que seguiram a revolução religiosa do século XVI." (Quental 2008: 62). Defende que foi o catolicismo que anulou portugueses e espanhóis: "Assim, meus senhores, o catolicismo dos últimos três séculos, pelo seu princípio, pela sua disciplina, pela sua política, tem sido no mundo o maior inimigo das nações, e verdadeiramente o tóxico das nacionalidades." (*idem*: 70). Antero culpa também os jesuítas por este estado de espírito, nomeadamente nos territórios descobertos por portugueses e espanhóis: "Com o Jesuitismo desaparece o sentimento cristão, para dar lugar aos sofismas mais deploráveis a que jamais desceu a consciência religiosa." (*idem*: 71)

[25] Recorde-se aqui, por exemplo, o filme de Alain Tanner, *Dans la ville blanche* [Na cidade branca] (1983).

[26] A inserção das fotografias nem sempre é da responsabilidade dos autores, sendo, nestes casos, a construção do diálogo entre texto e fotografia da responsabilidade dos editores.

BIBLIOGRAFIA ∨

Bachmann, Dieter (1985), *Rab*, Ammann, Zúrique.

Delille, Maria Manuela Gouveia (2004), "Ficção e História: O episódio de Inês de Castro num romance português e num drama alemão contemporâneos", in Maria de Fátima Marinho (org.), *Literatura e História*, Vol. 1, Porto, DEPER/FLUP: 189-199.

Dewulf, Jeroen (1999), *Hugo Loetscher und die "portugiesischsprachige Welt". Werdegang eines Mulatten*, Peter Lang, Bern, Frankfurt/M.

Fischer, Béat de (1960), *Dialogue Luso-Suisse. Essai sur les relations Luso-Suisses à travers les siècles*, Lisboa.

Hartmann, Hans (1942), "Coimbra. Die Universitätsstadt Portugals", *NZZ*, 7.6.

-- (1942), "Portwein", *NZZ*, 21.6.

-- (1942), "Portugal und die Schweiz", *NZZ*, 12.8.

-- (1942), "Portugal zwischen den kriegsführenden Mächten", *NZZ*:

- "Erste Eindrücke" (28.5)

- "Audienz bei General Carmona" (4.6)

- "Nationale Propaganda" (11.6)

- "Der Kardinal-Patriarch" (18.6)

- "Die auswärtige Politik" (28.6)

- "Die Kolonialpolitik" (5.7)

- "Salazar I." (26.7)

- "Salazar II." (30.7)

Loetscher, Hugo (1979), "Radiographie der portugiesischen Seele", *NZZ* 13/14.4.1979.

-- (1979), "Flanieren in Lissabon I: Der Chiado – die "listenreiche" Strasse", *NZZ* 1.12.1979.

-- (1979), "Flanieren in Lissabon II: Portugiesischen Sorgen mit Museen", *NZZ* 2.12.1979.

-- (1983), "Das andere, das agrarische Portugal", *NZZ* 27/28.9.1983.

-- (1984), "Ach Herr Salazar", in Georg Sütterlin, *Das Hugo Loetscher Lesebuch*, Zúrique, Diogenes: 31-38.

-- (1984), "Portugal und die "portugiesische Welt" – Geschichte und Aktualität" [1983], in Georg Sütterlin, *Das Hugo Loetscher Lesebuch*, Zúrique, Diogenes: 65-85.

-- (1988), "Über Padre António Vieira", in Padre António Vieira, *Die Predigt des Heiligen Antonius an die Fische*, trad. Georges Güntert, Zúrique, Arche: 7-67.

- (1985), *Der Immune*, Zúrique, Diogenes.
- (1986), *Die Papiere des Immunen*, Zúrique, Diogenes.
- (1994), "Europäische Adresse: Lissabon", *Tages Anzeiger Magazin*, 29/1994.
- (1999), *Vom Erzählen erzählen. Poetikvorlesungen*, Zúrique, Diogenes.
- (2002), *Der Buckel*, Zúrique, Diogenes.

Madeira, Rogério (2002), *O Imaginário de Lisboa nos romances Bekenntnisse des Hochstaplers Felix Krull de Thomas Mann e Schwerenöter de Hanns-Josef Ortheil*, Coimbra, Minerva-CIEG.

Monico, Reto (2005), *Suisse-Portugal: regards croisés 1890-1930*, Genebra, Société d'Histoire et d'Archéologie de Genève.

>>

Quental, Antero de (2008), *Causas da decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos*, Lisboa, Tinta-da-China.

Reynold, Louis Gonzague de (1936), *Portugal*, Paris, Éditions Spes.

Schwarzenbach, Annemarie (1941), "Offener Himmel über Lissabon ...", *Thurgauer Zeitung*, 10.4.

-- (1941), "Rückkehr nach Lissabon", *National-Zeitung*, 4.6.

-- (1942), "Wiedersehen mit Portugal", *Die Weltwoche*, 15.5.

-- (1942), "Sonniges, herbes Portugal", *Thurgauer Zeitung*, 11.7.

-- (2004), *Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942)*, ed. Gonçalo Vilas-Boas, trad. Maria Antónia Amarante, Coimbra, Minerva/CIEG, cadernos do cieq nº 11.

Serrano, Sofia Rodrigues (1998), *Temas e Figuras Portugueses na Obra de Hugo Loetscher*, Coimbra, FLUC (tese de mestrado).

Tavares, Emília/Sónia Serrano (ed.) (2010), *Auto-Retratos do Mundo/Self-portraits of the World. Annemarie Schwarzenbach 1908-1942*, Lisboa, Tinta-da-China.

Vilas-Boas, Gonçalo (2004), "Um olhar suíço sobre Portugal. Annemarie Schwarzenbach em Lisboa em 1941 e 1942", in Gonçalo Vilas-Boas, ed. *Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942)*, Coimbra, Minerva/CIEG, cadernos do cieq nº 11: 7-39.

-- (2005), "Hugo Loetscher und Portugal", in Jeroen Dewulf (Hg.), *Hugo Loetscher. In alle Richtungen gehen. Reden und Aufsätze über Hugo Loetscher*, Zúrique, Diogenes: 102-121.

Ziéglér, Henri de (1944), *Lusitanie*, Boudry-Neuchâtel, A La Baconnière.